

## OS “TUPINIQUINS PEOPLE”, O “BREXIT” E A OPORTUNIDADE DO “BRASENTRY”

O *Brexit* é um fenômeno surpreendente e irreversível. É como o fim de um noivado que nunca se convertera em casamento por total desinteresse de uma noiva reticente em contrair núpcias, uma vez que sempre teve a absoluta certeza de ser a melhor e mais aristocrática de todas as pretendentes ao matrimônio.

O escrutínio do último 22 de junho revelou um resultado que se afigura como a expressão máxima da célebre fleuma britânica, de um povo indiscutivelmente capaz de feitos brilhantes como “vencer a invencível armada” e colonizar metade do planeta. Esse mesmo povo agora opta pelo enorme desafio de eleger a via insular, em plena época do gregarismo que a globalização inspira, do associativismo que o comércio exterior atual sugere, do diálogo exaustivo decorrente do cenário macroeconômico, mundialmente complexo e desfavorável.

Mas, quem sabe, a mãe da Revolução Industrial não esteja vendo algo em termos de tendência que não vimos ainda, reverenciando a tão propagada expressão cunhada pelo britânico Shakespeare, de que “há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia”. A verdade, entretanto, é que nós, digamos, meros “tupiniquins people”, temos agora, a oportunidade de ouro de vendermos nossas “jabuticabas”!

Atribui-se a Thomas Edson a didática frase: “um gênio se faz com 99% de transpiração e 1% de inspiração”. Então, parodiando o respeitável anglo-saxão, percebo que o Brasil pode estar prestes a ter uma oportunidade única com o *tsunami* macroeconômico que o *Brexit* certamente gerará, como já começara a fazê-lo, com a inelutável e histórica sexta-feira 23, em que a libra esterlina despencou a palmares nunca vistos há 30 anos. E, em se es-

forçando bastante (coisa com a qual estamos mais que acostumados, porque somos brasileiros), com uma política internacional bem ajustada, um planejamento diplomático quanto ao comércio exterior bem elaborado, uma postura arrojada e proativa de abordagem aos negócios internacionais, como há muito não se vê, quiçá desde Rui Barbosa, possa afigurar-se no horizonte, de fato, “a oportunidade de vendermos as nossas jabuticabas”.

Será a chance que o fenômeno do “Brasentry” pode apresentar, em contraposição ao “Brexit”!

Sim, existe uma possibilidade de que os grandes investidores internacionais, individuais, ou grupais, públicos, ou privados, habituados a investirem na Europa, “cismados” com os riscos que a instabilidade que o “Brexit” inspira - tanto assim que agências de avaliação de risco já repensam a posição da Inglaterra no cenário macroeconômico mundial e já tem quem fale em crise sistêmica europeia - comecem a olhar para os países emergentes com mais simpatia e apetite, vendo neles a máxima segurança que todo investidor espera.

Ainda que o Brasil não tenha tido, ultimamente, uma audiência internacional das mais honrosas no cenário político, não se pode deixar de considerar que:

**1.** A segurança jurídica no Brasil é inquestionável. A “Operação Lava-Jato” tem dado uma demonstração inequívoca disto. Nunca tantos ricos e poderosos infratores foram, em lapso temporal tão breve, presos e processados no Brasil e, quiçá, poucas vezes na história da humanidade.

**2.** Nossa segurança legislativa também é aceitável. O processo de impedimento da Presidente da

República trafega em vias da mais soberana democracia e garantia da ampla defesa e do contraditório, a ponto de Fernando Collor de Melo fazer lembrar que no tempo dele não fora tão complexa e delongada a sua instrução probatória.

**3.** As decisões com reflexos sociais e gerais são tomadas com segurança no Brasil. O nosso infante Código de Processo Civil, após anos de reflexões legislativas, teve uma vacância, antes de entrar no cotidiano dos brasileiros, de um ano, para que nos acostumássemos com ele. Decisões muito menos importantes quanto o "Brexit", tardam meses entre a Câmara, o Senado e o veto presidencial, em debates, para serem aprovadas. Falar-se em uma escolha com reflexos individuais e globais tão sérios como o "Brexit", no Brasil, da forma como que fora conduzido, estão fora de cogitação. Este tipo de insegurança de podermos dormir sendo parceiros comerciais de 27 nações e acordarmos sem nenhum deles por decisão unilateral, não a temos em hipótese nenhuma.

**4.** O Brasil é um mercado consumidor voraz e praticamente imune a crises, onde nasce um consumidor a cada 19 segundos. A rede de supermercados "El Dia" tem 800 franquias. O Banco Santander, que despencou no IBEX-35, em poucas horas, no fatídico "Viernes-23", perdendo 20% de seu valor, tem tido um lucro fabuloso, ano após ano, mais do que qualquer operação sua em qualquer outro lugar do mundo. A Telefônica, que perdeu mais de 16% do seu valor naquela mesma data, reina absoluta como maior operadora do País. Estamos entre os 5 maiores consumidores mundiais de vários produtos como perfumes, geladeiras, sapatos, cervejas, computadores, motocicletas, papel higiênico e muitos outros.

**5.** Nossos fundamentos macroeconômicos estão sólidos. Enquanto o IBEX-35 teve o pior desempenho de sua história no "Viernes-23" superior a 12% e as bolsas mundiais despencaram, a de São Paulo teve perdas dentro de um dia habitual de pessimismo macroeconômico, fechando com perdas

de 2,82%, porém acumulando o Ibovespa alta semanal de 1,15% e mensal de 3,37%, demonstrando uma notável performance. O Brasil, apesar de grande exportador, detendo inclusive superavit expressivo com relação ao Reino Unido, explora ainda pouco de seu potencial com o comércio exterior, podendo, através de uma boa política neste setor, melhorar bastante seus números, pois enquanto as exportações representam somente 12% de nosso PIB, na Índia já o é em 24%, enquanto que na Espanha, 32%. O Brasil acaba de fechar, por exemplo, com a Espanha, um acordo de cooperação bilateral nas áreas tributária e aduaneira, afigurando-se como ótimo sinal de possível início desta venturosa fase de incentivos ao comércio exterior, como aqui acima defendida e sugerida.

**6.** A Espanha que pode - e provavelmente o fará - recrudescer sua parceria com o Brasil diante deste novo quadro mundial que o "Brexit" inspira, é, há mais de vinte anos, um dos maiores investidores internacionais no nosso País, onde mantém, com cerca de 200 grandes empresas, cerca de 64 bilhões de dólares em capitais aportados.

É dizer, concluindo, que o todo poderoso Reino Unido (UK) "pode" ter - movido por um inconsequente e excessivamente orgulhoso espasmo separatista - cometido um inesquecível erro histórico, com conseqüências desastrosas para o mundo, com sua precipitada pretensão de "separação trágica" nas palavras do "The Economist". A menos que não estejamos avaliando tão bem quanto pensamos esta escolha e suas conseqüências.

A menos que um humilde e constrangedor arrependimento após um melhor refletir sobre os resultados que o mundo experimenta (nada inerente à fleuma britânica) afigure-se no horizonte próximo, é a hora da humildade brasileira, dentro da imagem que algumas potências internacionais têm de nós - de "lupiniquim people" mais mundialmente simpáticos e receptivos impossível - sinalizarmos "gringos, estamos aqui e queremos vender jabuticabas".